

DESPOIX, Philippe; SCHÖTTLER, Peter (Orgs). *Siegfried Kracauer. Penseur de l'histoire*. Paris: Maison des Sciences de L'Homme, 2008, 254p., ISBN 2763783430.

O livro pretende articular um diálogo entre historiadores, filósofos, teóricos da literatura e especialistas de cinema sobre teoria e escrita da história, tendo como ponto de partida o último trabalho de Kracauer – *History. The Last Things Before the Last*. Kracauer foi um intelectual incomum, sociólogo, romancista, crítico de cinema e das medias, etnólogo das metrópoles, deixando uma vasta obra multiforme – uma figura de proa da intelectualidade de esquerda da chamada República de Weimar. Era amigo de Theodor Adorno, Walter Benjamin, Ernst Bloch, entre outros, e como todos eles foi também obrigado a se exilar com a ascensão de Hitler ao poder no início de 1933 – aquele que descreve o “asilo dos sem-teto”, os cine-teatros em “O culto da distração” e os bulevares como “pátria dos sem pátria”, no livro sobre Offenbach, torna-se ele próprio um exterritorial, um “apátrida transcendental” (Lukács) ou conforme a figura alegórica que, antes de desaparecer, peregrina pelas épocas: Ahasver, o judeu errante, que Kracauer evoca no cap. 6 de *History*. O historiador que, partindo do presente, se imiscui no passado e estranha (*verfremmt*) ambos.

Uma das máximas de *History*: “a história das idéias é a história de mal-entendidos” (*History. The Last Things Before The Last*. New York: Oxford University Press, 1995, p.7 - 1. ed. 1969). Disso Kracauer sempre foi muito consciente, pois, sobretudo, sua última produção realizada no exílio americano, de 1941 a 1966, gerou e tem gerado uma sucessão de equívocos. Por exemplo,

---

\* Professor Doutor do Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – FCL – UNESP – Campus de Assis – 19806-900 – Assis – SP – Brasil. E-mail: machado@assis.unesp.br

De *Caligari a Hitler* (1947), obra em que analisa a produção cinematográfica alemã entre guerras - praticamente durante décadas seu único livro conhecido fora do mundo alemão e mesmo lá - não passa de uma mera interpretação supostamente "teleológica" da vida cultural da República de Weimar, que põe à mostra um estilo "engessado" de escrita ao escrever em inglês ou que sua *Theory of Film* (1961) é inatual, pois não considera o filme a cores ou que também não consegue ver além do neo-realismo italiano, para não falar que o seu livro póstumo representaria uma ruptura com sua produção intelectual anterior, sobretudo com a obra de Marx. Basta ler a Introdução à *History* para dissipar, de súbito, todos esses mal-entendidos. Pois, nela Kracauer pontua a continuidade entre sua produção à época em que era editor cultural do *Frankfurter Zeitung* (1921-1933), citando seu ensaio de 1927, "A fotografia", e suas reflexões incompletas desenvolvidas em *História. Antes das últimas coisas*.

O livro organizado por Philippe Despoix e Peter Schöttler é uma iniciativa que tenta colocar por terra os jargões que se criaram em torno da obra de Kracauer e de inseri-lo no debate historiográfico-cultural de língua francesa, dando continuidade à discussão iniciada em *Culture de masse et modernité. Siegfried Kracauer, sociologue, critique, écrivain* (2001) - organizado pelo mesmo Despoix e Nia Perivolaropoulou. São onze ensaios no total que pretendo chamar a atenção para algumas das contribuições. Antes de tudo, todos os autores são uníssonos sobre o desconhecimento da obra de Kracauer no mundo acadêmico - e não apenas nas universidades francesas, diga-se de passagem - sobretudo em relação à sua discussão sobre a tradição historiográfica alemã, francesa e inglesa. Como destaca os organizadores na Introdução: "Apesar de uma forte representação da historiografia francesa, em particular por meio de Marc Bloch e da atualidade de sua temática, o livro de Kracauer não foi lido no meio acadêmico francófono" (p.6) A coletânea coincide com a tradução francesa de *History (L' Histoire. Des avant-dernières choses*. Paris: Stock, 2006).

1. Despoix traça um paralelo engenhoso entre história e as mídias fotográfica e cinematográfica na reflexão de Kracauer, no ensaio: “Uma outra história?”, por meio de cinco proposições: 1. “todo documento é vestígio físico do passado” (p17); 2. “o lado de fora do arquivo enquanto o ‘fora de campo’ fotográfico” (18); 3. “a antinomia entre ‘grande plano’ e ‘plano conjunto’”(p.19);4. “o episódio (fílmico) como modo apropriado da narrativa histórica” (p.20); 5. “o paradoxo da empatia e da alienação”. Em seguida compara esse texto-fragmento de 1966 com o filme de Antonioni do mesmo ano, *Blow up*, ou seja, o trabalho do historiador, seu esforço em “fazer o documento falar”, com o do fotógrafo no filme que descobre, torna visível, um crime por meio de ampliações sucessivas de um negativo - trabalho de detive, um palimpsesto.

2. Peter Schöttler é o autor de “O historiador entre objetivismo e subjetivismo”, uma das melhores contribuições dessa coletânea, faz uma instigante aproximação entre Kracauer e Marc Bloch. Começa indagando sobre a dificuldade de ler *History*, ou seja, a dificuldade em responder, afinal o livro é direcionado a quem? Aos historiadores? Aos filósofos? A quem afinal? Extremamente interessante é o diálogo que reconstrói entre Kracauer e o autor de *Apologie de l’histoire*, é a partir dele que formula, elegendo a fotografia como um modo de percepção sutil e produtiva, a teoria da “passividade ativa” do processo fotográfico, comparando com o trabalho do historiador em relação às suas fontes, evocando a técnica da “clicagem automática” (*déclencheur automatique*) como aquele máximo de objetivismo na aproximação subjetiva do real. (Cf.85). É de Marc Bloch também a expressão “o tátil das palavras” (*tact des mots*), aquela “característica da última fase do trabalho do historiador” (p.89). Aquele átimo, em que o historiador vislumbra elementos utópicos “antes das últimas coisas”, ao encontrar, conforme se lê na última frase de *History*, “a *terra incógnita* numa vala comum entre países que nos são familiares” (p.90)

3. Jean-Luis Leutrat mostra que *Theory of Film* e *History* formam um díptico: “O díptico de Kracauer, ou como ser presente na sua própria ausência”. O próprio Kracauer enfatiza que o segundo livro é um prolongamento do primeiro. Como ressalta Leutrat: O primeiro, que é um livro sobre cinema, fala muito de fotografia, o segundo, pelo menos por meio de certos nomes de sua referência (Proust, Tolstoi, Griffith, Valéry ou Kafka...), não é uma obra ‘ortodoxa’ sobre a História à época de sua publicação” (p. 211). Para Kracauer história e imagem estão imbricadas e Leutrat faz uma aproximação inusitada entre Kracauer, Gogard e Griffith: “Kracauer e Godard são próximos igualmente pela utilização de fragmentos como fonte. Kracauer para compreender a ‘lei dos níveis’ que comanda o vai e vem entre micro e macrohistória e se refere a um exemplo extraído de *Theory*, aquele grande plano das mãos da atriz Mãe Marsh no filme de D. W. Griffith *Intolerance*” (p. 222). O tema da tensão dialética entre micro e macro história é retomado também no ensaio de Carlo Ginzburg, “Detalhes, grandes planos, micro-análise” (Ver também GINZBURG, C. *O fio e os rastros*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, 231-248).

4. O ensaio de Christian Delage, “Kracauer, o *Museum of Modern Art* e a propaganda nazi” lança luz sobre aspectos pouco discutidos e conhecidos de sua obra, que é sua análise da propaganda e dos cine-jornais nazistas à época da II Guerra. “Quando de seu exílio em Paris – observa Delage –“ Siegfried Kracauer recebeu no dia 3 de maio de 1937 uma carta de Horkheimer que lhe chama atenção sobre a criação recente da cinemateca do Museu de Arte Moderna de New York, e lhe encoraja, sobretudo por meio de Meyer Shapiro, a tomar conhecimento de sua coleção de filmes e a entrar em contato com Íris Barry que era a responsável” (p.188). Graças a este contato que Kracauer pode finalmente obter visto para ir em 1941 para os Estados Unidos e realizar sua paciente pesquisa sobre os filmes de ficção e dos noticiários de Guerra nazistas, parte deste material foi publicado em anexo ao *Caligari a Hitler*. Delage pontua também o modo de análise de Kracauer: “uma

análise estrutural que parte da visão dos filmes de seu *corpus* e não de um esquema semiológico abstrato. O filme de propaganda nazista se lhe apresenta constituído de três modos de expressão: 'o comentário –compreendendo por sua vez as expressões verbais e as constatações ocasionais'; ' a imagem –compreendendo a realidade da câmara e os numerosos mapas'; 'o som –composto de efeitos sonoros e a música, e incluindo canções" (p.202)

5. Por último não podemos deixar de chamar atenção sobre dois estudiosos pioneiros da obra de Kracauer na França, Nia Perivolaropoulou e Olivier Agard. Nia em seu ensaio, "O *Jacques Offenbach* de Kracauer. Biografia, história e cinema", discute uma faceta pouco conhecida (o de roteirista) do autor de *Jacques Offenbach e a Paris de sua época* (1937), que é o roteiro que Kracauer escreveu para a filmagem de algumas passagens de seu livro, roteiro de humor incomum que infelizmente nunca foi filmado. Agard, por seu lado, mostra como história e autobiografia se entrelaçam no pensamento de Kracauer: "Os elementos de autobiografia intelectual em *History*". Colaboram também neste volume com contribuições importantes: Sabina Loriga, Jacob Tanner, Walter Moser, Bertrand Muller.

O livro é sem dúvida muito instigante para se compreender o universo intelectual de Kracauer, a relação entre imagem fotográfica e história, a tensão entre micro e macrohistória, a dialética entre tempo físico e história etc. Uma boa oportunidade para elucidar, também àqueles leitores mais curiosos, os comentários críticos de Kracauer desenvolvidos em *History* - e o presente livro é excelente contribuição de precisão cartográfica nesta direção -, sobre a concepção de história em autores como Hegel, Marx e Benjamin entre outros, e registrar a originalidade deste *outsider*.

Resenha recebida em 07/2009. Aprovada em 11/2009